

MACHADO DE ASSIS E BAUDELAIRE: ESCRITORES CRÍTICOS DE SEU TEMPO

Aldinida Medeiros de Souza

Acho que o artista pode contribuir pra que o mudo seja um pouco melhor, simplesmente dando seu testemunho.

João Cabral de Melo Neto

Muitos estudiosos têm-se debruçado a analisar a obra de Baudelaire. Quase todos a olharem-na sempre pelo mesmo ângulo, definindo o poeta “maldito” como um romântico, um poeta que voltava seus textos para o gosto burguês. Dentro dessas leituras um tanto equivocadas encontra-se a do crítico alemão, Walter Benjamin, que “cunhou” Baudelaire de *um crítico no auge do capitalismo*. O estudo de Benjamin muito tem de contributo para quem se interessa, amiúde, pelo poeta francês. Todavia, deixa escapar o que talvez haja de mais proveitoso nos seus textos: a crítica articulada e nada ingênua que Baudelaire faz aos burgueses, à França do período revolucionário – de tanto a tanto – e, sobremaneira, a vários artistas de seu tempo.

Em contrapartida, outro crítico alemão, Dolf Oehler publicou *Quadros parisienses – Estética antiburguesa 1830 – 1848* (1999), uma obra crítica na qual analisa as obras e os textos de Baudelaire, bem como outros antiburgueses: Heine, Daumier, Flaubert, Coubert. Sua análise expressa uma aguda visão do período em que viveram esses artistas, promovendo uma integração entre contexto social e produção artístico-literária. Uma de suas preocupações é desfazer a visão que foi criada em torno dos textos baudelairianos, sobremaneira no que se refere ao mito do dândi estilista, visão distorcida que se criou do autor de *Flores do Mal*: “o mito do Baudelaire ‘dândi estilista’ foi criado e sustentado não só pelos chamados críticos burgueses, mas também por perspicazes escritores vanguardistas, mesmo alguns que possuíam uma visão contextualizada do comunismo ou socialismo [...]” (OEHLER, 1997, p. 24)

Ao longo de seu ensaio, Oehler apresenta uma visão de vários textos baudelairianos – dentre eles, principalmente *Salão de 1846* e *As flores do mal* – como uma estética anti-burguesa. Ao longo do ensaio, ele mostra a relação entre a estética romântica e a burguesia e neste percurso estabelece o diálogo crítico com Walter Benjamin, ao ponto de encontrarmos várias citações suas sobre o texto de Benjamin.

Semelhante a essa postura crítica, Roberto Schwarz, no Brasil, lançara um olhar renovado sobre os textos de Machado de Assis, especialmente sobre as *Memórias póstumas de Brás Cubas*, divergindo em muitos aspectos do que havia sido colocado por muitos críticos, até então. No ensaio *Um mestre na periferia do capitalismo*, temos um olhar crítico em que Schwarz mostra a análise social que Machado faz de seu tempo, aliando a forma composicional ao conteúdo e mostrando, através da desfaçatez do narrador, Brás Cubas, o cinismo da classe burguesa.

Desse modo, acreditamos que esses dois estudos, tanto o de Oehler sobre Baudelaire, quanto o de Schwarz sobre Machado, abrem um novo caminho para novos comentários sobre estes escritores, o que nos levou a pensar nessa aproximação: olharmos Machado e Baudelaire como escritores críticos de seu tempo.

Baudelaire: uma estética antiburguesa em textos “cifrados”

Contextualizando o leitor sobre os aspectos político e sociais da Monarquia de Julho (1830 – 1848), na França revolucionária, Dolf Oehler fala da visão de Marx, Heine e Daumier sobre este período. É observando o painel traçado por esse crítico que vamos entender bem o quão apropriado é o subtítulo de seu ensaio: “uma estética anti-burguesa”.

Segundo Oehler (1999): “Baudelaire traduzirá essa atmosfera “spleenética” da perspectiva dos oprimidos para a poesia lírica e, paradoxalmente, também para a lírica amorosa: fará isso, como foi dito, sem nenhum comentário explícito.” (p. 45). Por isso, o crítico afirma que em relação à produção poética, afirma que ninguém se igualou a Baudelaire - nem mesmo Balzac ou Sthendal - no que diz respeito a observar o surgimento do antagonismo de classes. Donde se conclui que há nos seus poemas uma crítica fina, sutil, “cifrada” aos burgueses.

Ao contrário do que se vê constantemente afirmado pela crítica literária, Baudelaire brinca, em seus textos, o tempo inteiro com o perfil do burguês, ridicularizando-o. Vemos isso em *Perda de auréola*, quando põe lado a lado o burguês e o proletário: *Mas o Que? Você por aqui, meu caro? Você em tão mau lugar! Você o bebedor de quintessências! Você o comedor de ambrosia! Francamente, é de surpreender.* Através desse trecho percebemos Baudelaire com uma visão bastante crítica da arte, numa perspectiva em que a perda dessa auréola representa simbolicamente a perda da aura de pureza e santidade artística, estas em nada essenciais à arte.

A alegoria em *Perda de auréola* é que a poesia pode florescer perfeitamente, talvez melhor ainda, no outro lado do *Boulevard*, naqueles lugares “baixos”. Considerados “apoéticos”, a exemplo do *mauvais lieu*. Usando essas “lentes” de Baudelaire, é possível fazer uma leitura sobre a poesia condizente ao pensamento de que os poetas se tornarão mais profunda e autenticamente poéticos quanto mais se tornarem homens comuns. Aliás, pensamento este não só do francês Baudelaire, como também do neo-realista português José Régio, do grupo da revista *Presença*. Este afirmava que a poesia, além de manter contato com a realidade, deve ser francamente vivida pelo poeta, referindo-se à “poesia acadêmica”, “engavetada” que alguns escritores praticam.

Schwarz, numa resenha sobre o livro diz: *O leitor verá que humor satânico, tédio, dandismo, flâneur e demais heroísmos da vida moderna trocam de feição e não ficam menos interessantes – muito pelo contrário – quando repostos em seu contexto de luta de classes.*¹ Observando o poeta que perde a “auréola”, vê-se que Baudelaire o põe ali, naquele passeio a sentir e observar o que se passa. Isto quer dizer que, sobre esse aspecto situa em seu texto o poeta, no tocante ao seu “status quo”. Daí poder-se, perceber, em *Perda de auréola*, uma visão aguçadamente crítica acerca da posição dos artistas daquele período. Desse modo, vemos que o artista produzir sua poesia através das lentes com que vê o mundo é uma das formas de conectar a arte ao seu contexto histórico e social.

Oehler mostrará isso ao longo de seu ensaio, quando analisa detalhadamente a *Dedicace* – dedicatória que precede o *Salão de 1846*.- mostrando o quão intencional e extremamente sutil foi a menção feita por Baudelaire aos franceses, ele que havia proposto que o termo burguês fosse riscado do vocabulário: “Uma das muitas contradições desse autor?”- Pergunta o crítico sobre a dedicatória “Aux bourgeois”. E o próprio Oehler é preciso na resposta:

Pelo contrário, uma variante melhor, porque mais concreta, da crítica à diluição e estetização de um termo sociológico. Seu estilo tem em comum com o estilo denso e preciso da crítica de arte certo aprumo dogmático, levado aqui às raias da caricatura. (OELHER, 1999, P. 58)

O que a crítica literária tradicional viu em Baudelaire como dandismo e satanismo, vai adquirir outro sentido em *Quadros parisienses*. O que vai predominar, segundo o crítico, é a ironia

¹ Retirado de

que será sempre retomada pelo autor de *Flores do mal*, em sutis alfinetadas aos burgueses, à França daquele período que acaba sendo analisada como “quadros” evocados à memória.

Há, sobremaneira, no *Salão de 1846* e em *Espanquemos os pobres* uma denúncia. Este último texto, por exemplo, é uma espécie de desmascaramento do que, de fato, acontecia aos pobres por trás do que se julgava um regime revolucionário.

Retomando essa importância do contexto, lembramos, pelas palavras de Oehler a presença também marcante de Heine e Daumier nesse período. Tanto que seu estudo dos Quadros Parisienses, título relacionado ao poema de Baudelaire, Oehler mostra também a importância desses dois artistas. Heine, por exemplo, tem um texto de memórias que traz boa parte como crítica ao seu tio banqueiro.

Durante a época de Julho, apenas dois homens efetuaram essa exposição artística da realidade social, um escritor alemão e um caricaturista: Heine e Daumier. Já de saída, marginalizados por causa de seus procedimentos inovadores, cujo caráter artístico foi reconhecido e adotado por poucos contemporâneos. (1999, p. 34)

Para além disso, o modo como são analisados os textos baudelairianos, e a importância da crítica aos burgueses, presente nestes, é que nos remeteu à uma relação com o papel desempenhado por Machado de Assis na literatura brasileira, pois há que se lembrar que, tal qual Baudelaire, chamado de poeta maldito, foi também Machado chamado de pessimista, ressaltando-se os respectivos contextos históricos e sociais de cada um.

Machado pelas lentes de Schwarz: nova crítica aos textos machadianos

Machado de Assis, assim como Baudelaire é um escritor crítico de seu tempo. Tal qual a leitura de Dolf Oehler sobre o poeta francês, novo lume é dado aos textos machadianos de Schwarz que fez o mais polêmico estudo da narrativa machadiana na escola marxista paulista, fundada por Antônio Cândido. Neste estudo mostra como a técnica narrativa de Machado traduz não as ideologias como um sistema de idéias - ao gosto de um Sílvio Romero, que foi veemente crítico antimachadiano -, mas sim a mecânica da ideologia brasileira. Basta ler *Instinto de nacionalidade* para ver que as lentes do Bruxo do Cosme Velho estavam voltadas para a modernidade, ainda que situadas no período oitocentista.

Antônio Cândido já havia mostrado em *Esquema de Machado de Assis* que boa parte dos críticos perdiam o que havia de melhor nos textos machadianos por se deterem às relações entre a vida do autor e sua obra, dimensionando para menor o papel da análise sociológica aos textos.

De certo modo, pode-se observar que algumas das obras do “Bruxo do Cosme Velho” constituem mesmo uma espécie de caricatura machadiana ao homem universal, na sua imagem brasileira. Isso vem, possivelmente, justificar os estudos de Bosi sobre a universalidade na obra de Machado, em *O enigma do olhar* (1999).

Nesse estudo é possível perceber o homem – representado pelas personagens - quase sempre pronto a se iludir ou com um projeto grandioso, com pretensões de que salvar a pátria, como é o caso do emplastro de Brás Cubas, ou com seus conflitos psicológicos, tal qual se vê em Bentinho, – “Casmurro” pela adjetivação - fugindo de si mesmo, enquanto procura a verdade sobre Capitu. Neste e em outras personagens, há críticas ao ser humano inserido em seu contexto social. E isso, tal qual sabemos encontramos também em Baudelaire, à luz de Dolf Oehler..

Entretanto, não querendo apontar apenas a leitura universalista que se tem de Machado, convém lembrar o apropriado estudo crítico feito por Roberto Schwarz, revelando que não era pessimismo – ou rabugens de pessimismo como diz Brás aos seus leitores – o que havia na crítica que Machado fazia ao contexto social e político oitocentista. Nos estudos que desenvolve em *Ao*

vencedor as batatas, Schwarz vai mostrando a transformação dos textos da fase romântica para a fase realista, chegando mesmo a destacar as diferenças já visíveis entre a postura de romancista romântico de Machado em relação a outros de sua época.

Ora, se ao escrever usando ainda os aspectos da estética romântica, o brasileiro já se diferencia, mas é mesmo nas obras da fase realista que vai haver um distanciamento – na forma e no conteúdo – em relação aos escritores desse período, pois em Machado, vai se destacar o que Roberto Schwarz definiu com exatidão como sendo a argúcia do olhar. Isso porque, conforme mencionamos, ao invés de narrar os fatos e descrever a sociedade de seu tempo com procedimentos neutros, o escritor carioca capta a essência das mazelas burguesas e as expõe com requintada ironia.

Se Dolf Oelher analisa vários textos de Baudelaire, mas detém-se sobremaneira no *Salao de 1846* e *Espanquemos os pobres*, Schwarz também assim o faz quanto a Machado de Assis, detendo-se principalmente nas *Memórias póstumas de Brás Cubas*. A crítica ao sistema social e suas conseqüentes “feridas” podem ser encontradas por exemplo, na construção de personagens como Dona Plácida (o agregado, aquele que depende das migalhas do patrão ou de quem pode lhe pagar), em Prudêncio (o escravo forro que se sente agora com o direito de bater em seu escravo), em Virgínia (o adultério feminino), em Lobo Neves (o político corrupto), e nos vários outros personagens dos outros romances.

De tudo, o mais crítico seja talvez isso tudo ser visto pela ótica do burguês Brás Cubas. Nesse caso, é o próprio burguês que ri da sociedade na qual está inserido. Brás é, pois, o dândi, nos moldes da definição de Baudelaire, alfinetando sua classe social. Disso podemos inferir que, em Machado, a revolução estética seria uma espécie de eixo estratégico da emancipação nacional; ou seja, enquanto o romantismo ficara somente no nacionalismo superficial, um nacionalismo sem idéias liberais ou revolucionárias que resolvessem os problemas sociais da nação, Machado consegue ver além das limitações estéticas de seu tempo, assim como também consegue ver além das limitações sociais daquela época.

Quando nos referimos ao estudo de Leyla Perrone-Moisés, no resumo, sabemos que suas apreciações sobre escritores críticos dizem respeito a autores que elegeram outros poetas, outros escritores, tornando-se assim críticos destes. No entanto, recorremos a alguns dos aspectos explicados por Perrone-Moisés em seu estudo para fazermos nosso uso adaptado do que nele nos interessa: a visão do poeta, do escritor como também sendo um crítico. E isso é dito citando o próprio Baudelaire:

A afirmação de que o poeta é o melhor crítico de poesia surgiu principalemnte nos teóricos românticos alemães: ‘Poesia só pode ser criticada por poesia’. (F. Schlegel, *Lyceum der shoenen Kuenste*, parágrafo 117). Essa convicção fez com que, na modernidade, criação e crítica viessem a ser atividades complementares: ‘Todos os grandes poetas se tornam naturalmente, fatalmente, críticos (Baudelaire, *L’Art romantique*). (PERRONE-MOISÉS, 1998)

Desta feita, após evidenciarmos que não estamos nos apoiando no sentido amplo e literal do termo “escritores críticos”, explicamos que tomamos o sentido restrito e pertinente ao olhar que lançamos sobre os dois escritores aqui escolhidos: Baudelaire e Machado de Assis. Sentido esse que satisfaz o perfil destes escritores em relação as suas respectivas épocas, apesar da incompreensão da crítica de então que, no caso de Charles Baudelaire via somente o dândi, o flaneur, o poeta de versos satânicos. Tanto que o “cunhou” de poeta maldito.

É a perspectiva da leitura crítica de Oehler que o retira desse engano da crítica literária. Leitura essa que, vindo de um discípulo de Adorno, desnuda a vanguarda artística e literária dando conta de um contexto histórico que inclui a luta de classes na França entre a Revolução de Julho e a Comuna de Paris expondo as relações entre arte, literatura e burguesia no período de 1830 a 1837.

Quadros Parisienses é uma “radiografia” que mostra as “feridas incobertas” da França desse período.

O ponto de partida para este estudo dá-se, pois com o ensaio de Oehler, conforme mencionado, visto que sua leitura das críticas feitas por Baudelaire à arte de seu tempo – e tomamos somente Baudelaire como recorte de *Quadros parisienses* para a aproximação com Machado de Assis - é possível, se percorrermos o caminho do escritor-crítico, traço que se aplica tanto ao escritor francês quanto ao Brasileiro.

Lembrando que Oehler faz para Baudelaire uma leitura semelhante a de Schwarz para Machado. Ler os dois ensaios críticos e evidenciar, através dos textos de Machado e Baudelaire o veio crítico de ambos, tomando por alguns de seus textos, é tarefa que constitui um estudo mais aprofundado, uma dissertação talvez.

Por ora, esse ensaio monográfico dá conta de construir essa aproximação como um itinerário, visto que só se pensou este trabalho em virtude das perspectivas de leituras mais atuais, tanto de Oehler, quanto de Schwarz, que nos permitem caracterizar Baudelaire e Machado de Assis como críticos de seu tempo.

Referências

- BAUDELAIRE, Charles. *Poesia e prosa: volume único*. Ed. organizada por Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.
- _____. *As flores do mal*. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2003. (Col. A obra prima de cada autor, v. 52)
- BENJAMIM, Walter. *Obras escolhidas: Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, v. 3.
- BOSI, Alfredo. *Machado de Assis - o enigma do olhar*. São Paulo: Ática, 1999.
- CÂNDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1987. (Debates)
- _____. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970.
- D'INCAO, Maria Angela (Org.) *Dentro do texto, dentro da vida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- GAGNEBIN, Jeane Maria. *Baudelaire, Benjamin e o moderno*. Em: Sete aulas sobre a linguagem, memória e história. Rio de Janeiro: Imago, 1997. p. 145-154.
- HEINE, Heinrich. *Das memórias do Senhor de Schabelewopski..* São Paulo: Boitempo Editorial, 1991.
- MACHADO DE ASSIS, José Maria. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 27. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- _____. *Crítica e variedades*. São Paulo: Globo, 1997 (Obras completas de Machado de Assis)
- MARQUES, Reinaldo e BITTENCOURT, Gilda Neves. (Org.) *Limiares críticos: ensaios de literatura comparada*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- MONTELLO, Josué. *Os inimigos de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- OEHLER, Dolf. *Quadros parisienses, estética antiburguesa (1830 – 1848)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- _____. *Terrenos vulcânicos*. SP, Cosac/Naif, 2004.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. 5. ed. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2000.
- _____. *Um mestre na periferia do capitalismo*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, Ed 34, 2000.